NOVELLAE OLIVARUM



ANO IX / JUNHO - JULHO 1951 / N.os 86 - 87

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — JOÃO ALVES
Redactor — MANUEL LUÍS
Proprietário e Editor — RUY CORRÊA LEAL
Administrador — MÁRIO RAFAEL MARTINS DA CUNHA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 20$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

A propósito do movimento católico e litúrgico — ouvindo o Padre Daniélou 99

Liturgia do Matrimónio — Armindo dos Santos Duarte 105

Cânticos da Vida Cristã — 2.º Ofertório — Letra de F. M. — Música do Rev. P.e Pascal Piriou 110

Semana de Estudos Paroquiais — Carlos Manuel Castelão 111

E. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

CARVÃO

SEGUROS

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PÔRTO

ROSSIO, 93, 2.°
LISBOA

Livraria e Papelaria Moderna

Machado & Ribeiro, L.da

Livraria Católica Portuense

LARGO DOS LOIOS, 50 — **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros

Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 13$00 — Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 — História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00 — Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 13$00 — Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 12$50 — Caminho da Perfeição por Santa Teresa de Jesus, 16$00 — Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 12$00 — Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 — Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00—Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00 — Manual das Noviças, 14$00

Material escolar ——— Peçam catálogos indicando o género de livros

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

com a aprovação de S. Ex.a Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

COMPANHIA VELHA

PORTO — **Rua das Flores, 69** —

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

SACOR

A SACOR *é uma indústria nacional.*

Os seus produtos devem ser preferidos por todos os portugueses

COMBUSTÍVEIS — LUBRIFICANTES

Capital: 50 milhões de Escudos

Escritórios: **Rua do Alecrim, 57** Refinaria: **Cabo Ruivo**

A propósito do movimento católico e litúrgico

— OUVINDO O PADRE DANIÉLOU

É certo que a vida apostólica teve sempre os seus graves problemas, no entanto na hora actual parece surgirem com gravidade nunca igualada. Quem não se recusar a ver a realidade toda, tal como é, descobri-los-á com facilidade.

Mas não basta apenas fazer a sua descoberta impõe-se resolvê-los. Dada porém a gravidade dos problemas actuais a colaboração de todos os apóstolos do Senhor Jesus é requerida para se acertar com a verdadeira solução.

Feliz inicitiva, neste ponto, a semana de Pastoral realizada no Seminário dos Olivais há ainda bem pouco tempo. Durante ela palparam-se bem os problemas postos pela vida de hoje ao Apóstolo de Deus e mais que palpá-los, que já é muito, todos os Semanistas colaboraram activamente na sua solução. A colaboração de todos é necessária. Tendo presente este modo de pensar lembrei-me de trazer às páginas da nossa revista o parecer avisado de quem desde há muito estuda e conhece as dificuldades e necessidades do nosso tempo. Refiro-me ao eminente Professor do Instituto Católico de Paris o senhor Padre Daniélou que esteve em Portugal há ainda poucos dias.

Desde início advirto que não pretendi fazer uma entrevista, antes conversar um pouco com sua Rev.ª sobre vários problemas de interesse actual, donde não me preocupar com o encadeado dos assuntos.

Tendo expressado ao Senhor Professor o meu intento, logo se prontificou a responder-me. Comecei então por preguntar qual a característica predominante do movimento litúrgico francês:

— Qual a característica predominante, repetiu — sem dúvida a preocupação pastoral ou seja fazer da liturgia «la prière du peuple chrétien»; dar da liturgia o seu verdadeiro significado; procurar de cada rito, de cada gesto, de cada acto o seu sentido fundamental; tornar vivos os sacramentos; fazer que o Domingo seja «l'assemblée hebbdomadaire de la communauté chrétienne».

Como vê é sempre a preocupação pastoral.

— Revestindo diversas formas — atalhei.

— Sim. — E continuou — O principal é fazer do culto o centro da vida paroquial e no centro desta vida colocar a Santa Missa.

— É verdade indiscutível — disse eu — que o altar é o primeiro foco da vida espiritual da Paróquia, que o altar é a mesa comum de todos os filhos da grande família paroquial!

— Hoje a Paróquia tem de se conceber como uma grande família e pena foi que deixasse de se ver assim.

— Creio, Senhor Padre Daniélou que um dos objectivos da Liturgia e da Pastoral, nos nossos dias é criar de novo ou desenvolver onde exista já, este sentido fecundo da família, da comunidade.

— Sem dúvida.

— Mas como consegui-lo pràticamente?

— Fazendo tudo, quanto possível, em família, percebe, fazendo que tudo da vida paroquial, em especial os actos do culto, interesse a todos, dando como disse atrás o sentido fundamental de cada acto e vincando bem a sua feição comunitária, que sempre existe. Assim por exemplo o Baptismo há que fazer dele uma realidade que interesse a todos os fiéis e não apenas à meia dúzia de pessoas que vêm com a criança. Como criar o sentido da comunidade? Fazendo comunidade.

— Julgo — disse — que seria muito útil a este trabalho o conhecimento perfeito das comunidades primitivas da Igreja?

— Oh! Exactamente! Há que descobrir de novo o sentido da comunidade paroquial, há que regressar ao espírito das primitivas igrejas.

— Sem arcaismos!...

— Bem entendido.

E nesta altura o Senhor Padre Daniélou passou a falar da experiência do Padre Michonneau feita no sentido de reencontrar o espírito das primitivas comunidades cristãs.

— Este interesse — continuou — por despertar o sentido da família não deve existir só dentro da casa de Deus, tem de sair cá para fora, tem de entrar nas casas de todos os paroquianos. Assim o Padre Michonneau dividiu a sua paróquia em quarteirões e pôs à frente de cada um deles um lar cristão militante ou um núcleo de lares cristãos militantes que ele formou e forma sèriamente e longamente. Estes lares são os responsáveis directos do apostolado naquela porção da Paróquia. São eles que «in loco» se interessam pelos problemas de cada lar, que os procuram conhecer com precisão e levar tudo depois ao conhecimento do Pároco. Esta organização facilita o apostolado e leva à realização concreta da caridade.

— E faz nascer ou desenvolver a noção de família, pois que os interesses são comuns.

— Não só desperta a noção de família paroquial, faz nascer o amor por ela.

— Desejava saber como se coordena o trabalho dos vários quarteirões na Paróquia do Padre Michonneau.

— Muito simplesmente pela pessoa do Pároco que se põe com frequência em contacto com todos eles. O Pároco é que coordena, mas sempre nos próprios quarteirões pelas suas visitas que não apenas no seu cartório. Vem depois o encontro de todos os militantes e paroquianos na reunião semanal, na grande reunião semanal

a Missa do Domingo que é na verdade um acto vivamente comunitário. O Domingo é o dia da reunião de toda a família paroquial.

— Mas para os Párocos formarem nos fiéis este sentido comunitário que os leve a sentir tudo em comum em família é necessário que eles próprios o tenham bem forte, bem vivo.

— É mesmo assim. Ninguém dá o que não possue. O Padre hoje, na vida apostólica não só tem de possuir o sentido comunitário, mas tem mesmo de viver em equipa, há-de sentir em equipa. E sendo possível, bom seria que vivesse em comunidade porque então mais concretamente veria a necessidade e as vantagens do trabalho em comum. É que hoje há que «faire ensemble la recherche des méthodes des adaptations liturgiques, catéchetiques, apostoliques»... Depois a vida em comum além de ser um esteio fortíssimo para os sacerdotes é também uma garantia de maior perfeição porque dá lugar à franca correção fraterna. A vida apostólica beneficiaria igualmente muito com a vida assim em comunidade.

— Mas nem sempre é possível!...

— É verdade, mas ao menos que se procure o mais que se possa a colaboração entre os sacerdotes.

— Penso que uma das melhores maneiras de ela se activar e fortificar será promover semanas ou dias de estudo em comum.

— Precisamente. São sempre muito úteis tais realizações. Nesses dias trabalha-se em comum, apresentam-se as experiências feitas, sugerem-se outras e o trabalho uniformiza-se e a colaboração fortifica-se.

— Acha o Senhor Professor que estes dias devem restringir-se apenas à apresentação de experiências feitas ou a fazer e à sua crítica e à apresentação de problemas de ordem prática.

— Não. Isso está muito bem, mas não é tudo. É uma parte, há que estudar antes o verdadeiro e profundo sentido por exemplo duma experiência litúrgica e só depois estudar a maneira prática de a realizar. Primeiro conhecer a doutrina; primeiro o estudo e depois a sua aplicação à vida paroquial.

Ficámos satisfeitos com a resposta. A prática só vale o que valerem os princípios que aplica. Separar a prática da doutrina ou querer opô-las é erro funesto.

O Senhor Professor Daniélou continuou falando do largo valor destes dias de estudo e da necessidade de colaboração entre os sacerdotes e findou dizendo:

— O clero tem de formar um único corpo. Hoje é absolutamente necessária a colaboração entre todos os padres diocesanos e entre estes e os das Ordens religiosas. Todos servem O mesmo Senhor.

E prosseguiu frisando a necessidade da união dentro do clero passando a falar também da santidade do sacerdote. Aproveitei a altura para perguntar:

— Qual diz V. Ex.ª ser a virtude do padre mais necessária nos nossos dias?

— Todas são necessárias, respondeu, no entanto julgo que será «le détachement»; o zelo ardente e apostólico do padre à maneira de S. Paulo fazendo-se tudo para todos; «être charitatif dans la vie...» creio estarem aqui os traços principais da fisionomia espiritual do padre de hoje que é como o de sempre.

E como ainda não tinhamos tocado todos os pontos referentes à Liturbia voltamos a ela noutra altura.

* * *

— O Senhor Padre Daniélou falou-nos ontem na necessidade de reencontrar o verdadeiro e fundamental sentido dos actos litúrgicos. Creio que ele se não conseguirá captar totalmente sem um contacto grande com os Santos Padres.

— Ah! Sim. Para descobrir o espírito da Liturgia é muito importante o contacto com os Santos Padres em especial com S. Cyrilo nas suas «Catequeses», com Sto. Ambrósio no «De Mysteriis», com Sto. Agostinho, etc., etc....

E nesta altura notei o profundo amor de Sua Rev.ª pelos Santos Padres pois que falava deles com grande entusiasmo. Não se esqueça que tem passado a vida num contacto diário com estes grandes varões da Cristandade. A cadeira que lecciona em Paris é precisamente a das «Origens Cristãs». Sabedor disto não me surpreenderam a espontaneidade e o profundo saber de Sua Rev.ª. Mas a nossa conversa continuou, preguntando eu:

— Hoje, fala-se a cada passo de renovação litúrgica, de renascimento litúrgico. Como entender estas expressões?

— Eu penso que a renovação litúrgica está menos na adaptação da Liturgia às condições modernas que na renovação da tradição «Vivante». Trata-se de renovar a tradição primitiva sem arcaismos evidentemente.

— Portanto além dos Santos Padres exige-se um melhor conhecimento da Bíblia em especial do Antigo Testamento?

— Para se conseguir uma renovação litúrgica verdadeira, completa e sólida é exigido o conhecimento do Antigo Testamento por que sem ele escapam-nos muitas riquezas da Liturgia de que o Antigo Testamento tem a chave. É preciso conhecer bem a Bíblia para se pensar em verdadeiro renascimento litúrgico.

— Agora que falamos da Sagrada Escritura não acha o Senhor Professor que ela deve ser a principal fonte da pregação que também hoje tem de voltar a ser como nos primeiros tempos do Cristianismo?

— A pregação tem de ser antes de mais escriturística, como foi a dos Apóstolos e depois a dos Santos Padres. Afinal a pregação consiste na apresentação da palavra de Deus ao Seu Povo; na apresentação da história da salvação «pour inviter le chretien a s'y engager davantage».

— Julgo mesmo que nunca se terá verdadeira renovação litúrgica sem se renovar a pregação.

— Porque ela faz parte da Liturgia — acrescentou logo — não o esqueçamos e tem o valor dum Sacramental que pode produzir graça.

— Quais são, Senhor Padre Daniélou, os pontos fundamentais da pregação?

— No Novo Testamento: A Ressurreição de N. S. Jesus Cristo e depois o Pentecostes e a Vida do Espírito Santo na Santa Igreja manifestada pelos mártires e pela vida das missões. No Antigo Testamento: Abraão, o Exodo, os Profetas, etc.

— A pregação nem sempre, infelizmente, tem seguido esta linha mestra, por vezes, quando muito, restringe-se a apresentar ou a repetir alguns conceitos de moral...

— É certo que toda a homilia ou sermão há-de ter sempre uma conclusão prática, mas uma conclusão. Antes dela porém vem a doutrina explicada cuja aplicação à vida se faz pela conclusão prática que se tira. *O que é preciso nunca esquecer é que a pregação faz-se para converter.*

E de novo interrompemos para continuarmos falando noutra altura.

* * *

E pela última vez retomamos a conversa. Faltava ainda tocar num assunto importantíssimo — a Acção Católica — e por isso não quisemos deixar de ouvir também sobre ele o parecer do Senhor Padre Daniélou.

— Hoje a paróquia — comecei — tem de ser uma comunidade missionária, neste caso qual o lugar que nela ocupa a Acção Católica?

— O lugar que lhe compete; pois é indiscutível que os leigos devem participar no apostolado sacerdotal e esta participação dos leigos é a Acção Católica, se recordarmos a definição do Papa. Acção Católica é a organização do apostolado laico nos meios descristianizados.

— Portanto a Acção Católica deve ter um lugar na paróquia de hoje.

— Sem dúvida.

— E creio mesmo que é sempre necessária, nos nossos dias, para a recristianização séria duma paróquia.

— Hoje a Acção Católica — continuou — é absolutamente exigida para a recristianização das paróquias. Mas, segundo penso, a Acção Católica é mais um espírito que uma administração. A vida apostólica é o essencial; a organização é acidental; esta pode variar com os tempos.

— Que pensa Vossa Rev.ª da especialização dentro da Acção Católica?

— A especialização é necessária para dar a cada um a formação espiritual de que precisa e para se atingirem bem todos os diversos meios, pois que da gente do meio é que se tiram os seus apóstolos.

No entanto acho um pouco artificial a divisão na Acção Católica pelas vogais (Jac., Jec., Joc., etc.), por nem sempre corresponder bem à vida e às suas necessidades.

A Acção Católica deve-se constituir bem nos quadros da Paróquia e não fora deles isto é deve tê-los bem em conta. Não quero de maneira alguma dizer que a Acção Católica deva ser só paroquial!...

— E que diz a experiência feita já em França com a actual organização da Acção Católica?

— Em França a Acção Católica tende para uma organização mais federal, porque a presente organização não corresponde inteiramente às exigências da vida, é como disse já, um pouco artificial. Creio que a primeira função da Acção Católica é coordenar o apostolado dos leigos e por isso a forma federal corresponderá melhor a esta sua função. No entanto a organização de hoje é já um passo no trabalho da organização definitiva do apostolado dos leigos. A Acção Católica é uma espécie de organização teórica que tem de passar por novas organizações mais realistas até atingir a forma definitiva.

— A Acção Católica, com a forma actual, é ainda muito recente por isso não se pode dizer de modo algum que esteja já numa forma perfeita. A própria teologia da Acção Católica está-se agora a elaborar, por isso nada admira que haja pontos a aperfeiçoar na orgânica actual.

— Sim, sim — acrescentou — o estudo da Acção Católica está-se ainda a fazer e incide ele principalmente sobre o Laicado. Creio que a Acção Católica muito beneficiará com este estudo. Tornar-se-á, assim o espero, mais conhecida e compreendida.

— Desejava saber ainda — Senhor Padre Daniélou como organizou o Padre Michonneau a Acção Católica na sua Paróquia.

— Julgo que ele não tem os organismos oficiais, mas a acção apostólica dos leigos está organizada como já lhe contei. Dividiu a Paróquia em quarteirões e colocou à frente de cada um o seu chefe, como nas primitivas comunidades cristãs. Julgo que teriamos nesta maneira do Padre Michonneau a base para uma nova organização paroquial da Acção Católica.

— Em França — perguntei — a Acção Católica fez-se já sentir?

— Oh! Sem dúvida. Hoje há na França um grande número de cristãos que participa activamente na vida da Igreja e que se interessa pela vida de apostolado, tendo consciência das suas responsabilidades... mas tudo isto é devido à Acção Católica.

— E para findar: qual é o organismo mais vivo da Acção Católica Francesa.

— A Juventude Agrária.

E tinhamos findado. Ocorreu-nos porém a lembrança de oferecer mais uma vez ao Senhor Padre Daniélou as páginas da nossa revista para dizer o que quisesse. Acrescentou:

«J'ai admiré la préoccupation apostolique du clergé du Portugal et son esprit pastoral. Je souhaite que les contacts entre les mouvements français et portugais se fassent plus nombreux parce que beaucoup de problèmes sont les mêmes dans nos pays qui sont deux anciens pays Chrétiens avec des masses en partie déchristianisées».

João Alves

Liturgia do Matrimónio (*)

I — OPORTUNIDADE

É fora de dúvida que para conseguirmos o restabelecimento da ordem social e do reinado de Cristo no mundo de hoje, teremos de começar pela recristianização da família. Assim o entenderam os últimos Pontífices, cuja solicitude para com a instituição familiar excedeu a de todos os seus antecessores; assim compreendem os fautores do comunismo ateu que para conseguirem a pretensa ordem nova na sociedade procuram destruir a família no que ela tem de mais santo e inviolável. Põem ao seu serviço todas as descobertas da ciência moderna; vêem no matrimónio apenas a exaltação de uma paixão.

Já no findar do ano de 1930, na sua Encíclica Casti Conubii (1) Pio XI punha a descoberto o mal que infesta as novas gerações com estas realistas palavras: «Não é já de um modo disfarçado e obscuro, mas abertamente que, pondo de parte todo o sentimento de pudor, quer oralmente, quer por escritos, pelas representações teatrais de todos os géneros, pelos romances, novelas e leituras amenas, projecções cinematográficas, discursos radiofónicos, enfim, por todas as descobertas mais recentes da ciência, se calca aos pés e ridiculariza a santidade do matrimónio enquanto que se louvam os divórcios, adultérios, e os vícios mais ignominiosos, ou pelo menos os pintam com tais cores que parece quererem isentá-los de qualquer mácula e infâmia» E o que é mais lamentável: «fazem entrar tais máximas em todas as classes sociais: ricos e pobres, operários e patrões, letrados e ignorantes, solteiros e casados, crentes e descrentes, adultos e jovens» (2).

(*) Seguimos de perto o Con. Croegaert «*La Liturgie nupciale*».
(1) *A. A. S.* Janeiro de 1931.
(2) Ibidem.

— Como se vê, o edifício parece estar prestes a ruir; em todos os lados são profundas as brechas.

Como remédio de tão grande mal, o Santo Padre aponta apenas um caminho a trilhar: — restituir o matrimónio à sua santidade primitiva, dando aos esposos um verdadeiro conhecimento das determinações do Criador e fazendo-os viver a liturgia do sacramento que um dia os uniu na comunhão da mesma vida e do mesmo amor.

É sobretudo desta última parte que me quero ocupar, pois que ainda segundo o testemunho do mesmo Pontífice (3) «para instruir o povo nas verdades divinas e para o elevar às alegrias espirituais e interiores, os esplendores da Liturgia são bem mais eficazes que os documentos do Magistério Eclesiástico, mesmo os mais graves e os mais importantes» e... entre outras dá a seguinte razão: «É que é preciso termos bem em conta que o homem, composto de corpo e de alma, é verdadeiramente arrebatado pela beleza e variedade do culto exterior, cujas cerimónias fazem penetrar até ao mais íntimo do seu ser a doutrina celeste».

São palavras textuais da suprema autoridade da hierarquia e que deviam ser muitas vezes meditadas; a sua realização plena, embora não resolvesse só por si este grande problema, pelo menos trazia grandes bens à Sociedade.

II — RITOS DO MATRIMÓNIO

Para bem compreendermos a administração deste sacramento tal como no-la apresenta hoje o Ritual Romano, reportar-me-ei, por vezes, aos primeiros séculos da Igreja, para, tanto quanto possível, vermos as origens dos ritos que, embora na sua fonte cheios de significado, por vezes, com o rolar dos séculos, a pouco e pouco parecem esvasiar-se do seu precioso conteúdo.

As cerimónias, como no-las apresenta hoje o ritual, são, no fundo, as dos antigos esponsais que já no século IX Nicolau I descrevia minuciosamente aos búlgaros. Neste documento, já notamos três fases bem distintas: *Consentimento* dos noivos e de seus pais no matrimónio projectado; como selo desse consentimento era dado um *anel* à noiva, e em seguida, por um documento era-lhe entregue o *dote*.

---

(3) Encíclica «*Quas Primas*», 11 de Dezembro 1925.

Observemos o desenrolar das cerimónias em toda a sua espontânea simbologia:

Feitos os preparativos necessários que a legislação eclesiástica prescreve — devida instrução e inquérito de impedimentos — apresentam-se os noivos na casa da Família Paroquial perante o altar-mor. Eles vão ter a alta dignidade de se administrarem mùtuamente um Sacramento. Aproximam-se do Santuário, e junto do altar em que Cristo é diàriamente imolado, prestam o consentimento matrimonial.

— Na Idade Média, era geralmente no átrio, perante a fachada da Igreja que se realizava esta comovente cerimónia; daí o dizermos ainda hoje: casados *perante a Igreja, em face da Igreja,* «in facie Ecclesiae», daí o termos ainda as fachadas de muitas catedrais como a de Burgos, Reims, Estrasburgo, etc., ornamentadas com cenas bíblicas alusivas ao matrimónio, (mais vulgarmente a parábola das dez virgens representadas segundo as exigências arquitecturais de cada época).

Hoje é junto do altar-mor, e convém que seja mesmo no degrau superior do altar, que se administram o Sacramento. Na verdade, os fiéis bem instruídos não experimentarão em outra altura tão sensìvelmente a alta dignidade a que os elevou o baptismo, o seu «Regale Sacerdotium». «Logo que prestam este sincero consentimento abrem para si mesmos o tesouro da graça sacramental donde poderão haurir as forças sobrenaturais para cumprirem seus deveres e obrigações com perseverança, fiel e santamente até à hora da morte» (4).

Parece estranho o rito que segue o consentimento mas na verdade é o que há de mais natural e expressivo: — O casamento é um contrato, embora sagrado «Entre baptizados não pode haver válido consenso matrimonial sem que seja por isso mesmo sacramento» (5), e nada mais espontâneo para mostrar este mútuo acordo e amizade do que darem-se as mãos mùtuamente. Já os romanos preceituavam este rito para os seus matrimónios; já os gregos o praticavam; já Raquel ao tratar do casamento de Tobias, «pegando na mão direita de sua filha a colocou na mão direita de Tobias dizendo: Que o Deus de Abraão, de Isac e de Jacó seja convosco, vos una em matrimónio e vos encha de suas bênçãos» (6). Este rito, na Igreja católica faz parte de um sacramento, um contrato

---

(4) Encíclica *Casti Conubii A. A. S.*, Janeiro 1931.
(5) *C. I. C.* cn. 1012 § 2.
(6) *Tob.* VII, 15.

que é sagrado, e por isso, o representante de Deus, envolve com a estola do seu poder divino aquelas duas mãos unidas, símbolo da união de duas almas e de dois corpos no serviço do mesmo Deus, declarando peremptòriamente o que presenceou: «Eu vos uno em matrimónio, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (7).

O Sacramento já estava realizado; os ministros são os próprios cônjuges; esta fórmula é apenas declarativa; só aparece nos rituais a partir do século XV; até a esta data, o sacerdote fazia apenas uma breve invocação imitando as palavras de Sara.

III — BÊNÇÃO E IMPOSIÇÃO DO ANEL

Prestado o consentimento, o ministro sagrado benze o anel. Como vimos, é antiquíssima esta cerimónia.

O anel é o símbolo da união, *aliança* entre os dois esposos, selo de uma amizade recíproca e constante. Assim o entende a liturgia na bênção que lhe dedica: «Abençoai, Senhor, este anel, a fim de que aquela que o trás guarde uma fidelidade inviolável ao seu esposo... que viva com ele em mútuo e constante amor» (8).

O primeiro anel matrimonial de que temos notícia data do século IX, do casamento de um príncipe real da Inglaterra. São bem expressivas as palavras que usou o Pontífice ao administrá-lo: «Recebei este anel, disse, sinal da fidelidade, do amor e do laço conjugal a fim de que o homem não separe aquilo que Deus uniu» (9).

— A aliança, deve ter gravado interiormente o nome dos cônjuges. No exterior, é o mais simples de todos os aneis, não apresenta ornamento algum; seria, porem, de aconselhar, como já é uso em algumas regiões, gravar-se-lhe uma cruz bem visível, em memória daquela mesma cruz que sobre ele traçou o celebrante com água benta. Trata-se pois de um objecto sagrado.

— Cabe ao esposo impor o anel à sua consorte enquanto o ministro sagrado invoca a S.S. Trindade. É curioso notar que num antigo ritual de Reims o noivo impunha a aliança fazendo acompanhar o gesto com

---

(7) *Ritual.*
(8) Ibidem.
(9) Cf. Croegaert, *La Liturgie Nuptiale*, pg. 69.

estas expressivas palavras: «Por este anel ordena a Igreja que nossos dois corações estejam unidos por um verdadeiro amor e leal fé, e por isso, eu to ponho neste dedo» ([10]). Que simplicidade tão encantadora e ao mesmo tempo significativa a destas palavras!

O Ritual Romano só fala do anel da esposa; mas é de louvar o uso que se intrometeu de benzer um anel também para o esposo. As rubricas do ritual, e o Concílio P. P. fomentam indirectamente este costume.

— O facto de se escolher o quarto dedo para usar o anel, não tem importância de maior Dizem alguns autores que isto é índice de uma errada concepção anatómica da Idade Média que supunha estar esse dedo ligado ao coração por uma veia especial «vena amoris»; pretendem outros que o único fim da escolha foi destinguir a aliança do anel Pastoral.

É caso digno de nota que um bispo concedeu para os esposos da sua diocese que beijassem a aliança nupcial, recitando determinada oração, bastantes indulgências.

(Continua) ARMINDO DOS SANTOS DUARTE

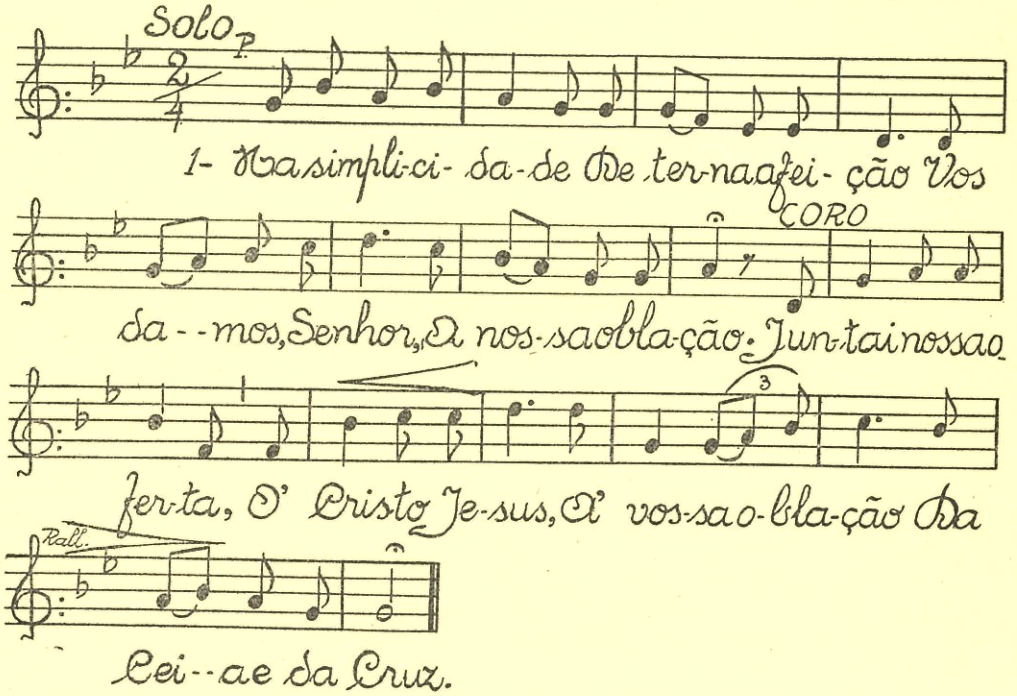
II

Cânticos da Vida Cristã

2

OFERTÓRIO

Letra de F. M. — Música do Rev. P.e Pascal Piriou



II

Com grande alegria
E santor fervor,
Nós vimos cantar
O vosso louvor.

III

Unidos na fé
Da crença mais forte
A Vós entregamos
A vida e a morte.

IV

Prendei, o Senhor,
Com doce bondade
Aos vossos preceitos
A nossa vontade.

(Vd. Missal Romano: Ofertório da Missa da Dedicação das igrejas)

Com licença da Autoridade Eclesiástica.

SEMANA DE ESTUDOS PAROQUIAIS

(SEMINÁRIO DOS OLIVAIS 24 A 27 DE ABRIL)

ABERTURA

Invocando a assistência e as luzes do Espírito Santo, a abrir a Semana de Estudos Paroquiais, o Reverendo Clero do Patriarcado iniciou a sua actividade tomando parte na Missa Solene do Espírito Santo, celebrada pelo Senhor Cónego José Teixeira, sendo os trechos da Missa, cantados a gregoriano pelos Rev. Padres e pelos alunos do 4.º ano de Teologia, amàvelmente autorizados a tomarem parte nos estudos.

VOZ DO PASTOR

A dar começo aos trabalhos, dignou-se Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca proferir as seguintes palavras:

«Reverendos e queridos Senhores —

Vós ofereceis-me uma das grandes alegrias da minha vida de Patriarca, com a realização aqui destes dias pastorais. Agradeço-vo-lo tanto mais, quanto esta iniciativa que é vossa, vem ao encontro dos meus pensamentos. Com satisfação, digo mesmo, com orgulho vos acompanho, aprovo e abençoo neste esforço de tornar cada vez mais fecundo o vosso Sacerdócio. Com S. Paulo digo-vos — dou graças a Deus por vós. — Não tenho outro amor maior, zelo maior na minha vida de Patriarca, do que ver cada vez mais puro, mais santo, mais glorioso o Sacerdócio dos meus Padres. Se à hora da morte merecesse o título de ter contribuído para a elevação do meu Clero, por este dava bem todos os títulos de glória que quisessem atribuir-me.

Estes dias Paroquiais obedecem aliás a um mandamento recente de Pio XII na encíclica *Menti nostræ* de Setembro de 1950. A nossa missão, recorda-nos o Papa, é continuar e completar a obra da Redenção no quadro em que o nosso Sacerdócio se desenrola. Só o podemos fazer, adaptando-nos às necessidades daque-

N. B. — Os assuntos versados pelos relatores eram, no fim da exposição, discutidos em pequenos grupos constituídos pelos Párocos dos diversos meios — citadino, operário, rural cristianizado, rural descristianizado, de vila, e da região do Ribatejo — que expunham, por um representante, na conferência seguinte as dificuldades próprias do meio ou sugestões interessantes e úteis que a todos poderiam interessar.

les a quem levamos o tesouro da vida, fazendo-nos «tudo para todos» como diz S. Paulo; daí o dever de nos adaptarmos àqueles de que somos com Nosso Senhor os Redentores. O *ver, julgar e agir* da Acção Católica, também se aplica a nós. Procurar conhecer bem o meio para que somos enviados, para julgar melhor das suas necessidades e dos meios a empregar para tornar mais eficaz a nossa missão e depois proceder de harmonia.

Na encíclica o Santo Padre desce ao pormenor, indicando as formas de apostolado constantes: fazer com que o povo cristão viva a vida da Igreja, compreenda e viva na sua plenitude o grande dogma da Comunhão dos Santos, ou como hoje é moda dizer-se, realize o Corpo Místico; daí o apostolado litúrgico e o apostolado da oração. Formas mais modernas de apostolado, exigidas pelas condições dos tempos actuais: Acção Católica, Acção Missionária, acção social; esta, quanto a nós, exerce-se sobretudo preparando leigos competentes para as tomar nas mãos.

O Santo Padre adverte-nos dos perigos do nosso tempo, sobretudo do preconceito da novidade; o nosso tempo perdeu o sentido, a consciência da verdade, por isso o mundo oscila e todo, na política, na arte, na filosofia, etc., sem esteios fortes em que possam apoiar-se o espírito e o coração. Tudo foi negado, daí a inquietação, a ânsia de novas formas que satisfaçam. Aliás mais não faço do que resumir a encíclica.

Este mesmo ambiente se comunicou ao próprio Clero, mesmo até em minúcias, como no vestir e no teor de vida, como diz ainda o Santo Padre.

É necessário actualizar as formas do apostolado, mas sem nos deixarmos vencer pelo critério da novidade — um só é o critério: «*Nós acreditamos na Santa Igreja*» e nela, toda a obra de actualização e reforma se fez sob a direcção e aprovação dos legítimos pastores.

Termino como comecei, confessando-vos a grande alegria de vir inaugurar estes dias, agradecendo-vos a iniciativa que tomastes. E agora queridos Padres, dou-vos a vós a palavra».

NECESSIDADE DA ACTUALIZAÇÃO DO APOSTOLADO PAROQUIAL ÀS EXIGÊNCIAS DOS TEMPOS MODERNOS

Depois de ouvir de Sua Eminência, palavras de louvor e agradecimento o Senhor Dr. Abel Varzim agradecendo por sua vez as palavras elogiosas que a seu respeito Sua Eminência dissera, apresentou a tese que a seu cargo tomara. Começou por afirmar a necessidade urgente de resolver o problema que ia estudar. Em linhas curtas mas claras, traçou o estado religioso do Patriarcado à luz das respostas colhidas dos inquéritos feitos pelos Rev. Párocos nas suas paróquias. Para melhor vincar nos espíritos dos presentes, as realidades bem tristes da situação religiosa do Patriarcado, escreveu alguns números que bem claramente as exprimem, radiografia elucidativa do estado actual das paróquias. Dos 95 % de católicos que as estatísticas nos apontam, apenas 20 % são praticantes, entenda-se, cumprem o preceito dominical da Missa e o da Confissão anual e Comunhão Pascal; 60 % só

vão à Igreja nos actos principais da vida — baptismo, primeira Comunhão, matrimónio e querem enterro religioso. — Os restantes são indiferentes ou hostis.

Esta é a verdade expressiva dum mal de que o Patriarcado enferma e que os números tão secamente manifestam. Urge a todo o transe procurar os remédios a usar, sob pena de perda de tempo e de agravamento do mal. Nós, dizia o orador, fomos enviados não só para os 20 % de fiéis que ainda vivem da vida da Igreja, mas, e sobretudo, para os 60 % e restantes, pois são estes que precisam de médico.

Este estado de coisas vem-se agravando de há um século a esta parte o que implica necessidade imperiosa de rever os nossos processos de trabalho.

O Senhor Dr. Abel Varzim passa a indicar as causas principais que mais contribuiram para o estado lamentável em que se encontra a Diocese e suas paróquias, terminando por indicar os moldes em que se há-de fazer a remodelação: dar a conhecer aos fiéis as suas responsabilidades para, tomando delas consciência, colaborarem no melhoramento da paróquia; activar nas almas o amor de Deus e do próximo, que as leve a serem, pela sua vida, testemunhas vivas de Cristo. Como chave deste complexo problema apontou a *família* que é preciso atingir directa e indirectamente, se queremos lançar a paróquia e o cristianismo no progresso simultâneo e seguro a par da civilização.

Concluiu, em última análise, dizendo ser indiscutìvelmente necessária a utilização dos leigos no apostolado moderno; para inculcar bem essa ideia, fez um apelo veemente e dinamizador a fim de que os dias que iam seguir-se, fossem de verdadeiro aproveitamento e inquitação, no sentido de melhor se estudarem os problemas paroquiais, se lhes procurar a solução apropriada e de, enfim, se dar remédio a tanto mal.

Falou em seguida o Senhor P. Henrique Canas versando o tema: «*Necessidade de conhecimento pormenorizado da paróquia e modo de o conseguir*».

Começou por afirmar, que a paróquia é uma comunidade que vive em volta do altar e do pastor, que é uma pessoa litúrgica e célula vital da diocese. Disse que para ser possível qualquer trabalho sério de que possa resultar algum fruto, devia o pároco primeiro que tudo procurar conhecer bem a paróquia, rua por rua, casa por casa, conhecer o meio e dar-se depois resolutamente ao apostolado. Disse também ser dever do pároco, aproximar-se dos que não vivem da vida da Igreja nem dela se aproximam, tornando-se acessível a todos pela sua bondade e afecto paternais. Necessita de estabelecer contactos, provocar encontros, aproveitar ocasiões — é por uma visita que se faz a casa dum paroquiano, é por ocasião do pedido de uma Missa, é pelo aniversário de Baptismo ou Casamento dum membro da família paroquial, é enfim por ocasião de um falecimento, um cartão que se manda. De grande auxílio nos são as *auxiliares paroquiais*, preciosas colaboradoras na organização paroquial.

Todos estes contactos pessoais, hão-de mostrar aos fiéis da nossa paróquia, o interesse que há por eles e o lugar que ocupam nas preocupações do pároco.

Como resultado e como que sintetizando esta organização, far-se-á o inquérito periódico que dará ao pároco o verdadeiro estado da paróquia e o conhecimento

pormenorizado da mesma. O ficheiro paroquial vem em auxílio do Pároco e seus colaboradores, para nele se arquivarem todos os dados colhidos, se reter ciosamente o que a memória mais viva teimaria em esquecer. É o ficheiro ou «dossier» que irá dizendo ao Pároco o que deve fazer e como deve fazer; são ainda as fichas que hão-de dar ao futuro pároco a vista de conjunto e em pormenor, da família a quem é dado por chefe; é o arquivo paroquial que há-de ser enfim o termómetro sensível por que o Bispo da Diocese há-de medir o grau de cristianismo que as suas ovelhas vivem (1).

«Necessidade de chamar o laicado a assumir as suas responsabilidades apostólicas na comunidade paroquial».

Este tema de feição quási exclusivamente doutrinária, foi versado por Monsenhor Cónego Avelino Gonçalves que apoiado em longos anos de experiência, deu um cunho muito especial ao seu trabalho.

Depois de fazer um apanhado geral da história da vida religiosa, apontando correntes e contra correntes, opondo ao clericalismo-ciência o movimento renascentista, ao clericalismo faustoso o protestantismo, ao clericalismo político a revolução francesa, o orador conclui afirmando que quando o clero, ocupando-se de actividades que estão fora do âmbito da sua acção própria que podem — e devem — ser realizadas por leigos, sai da sua missão, outra coisa não faz senão *clericalismo puro* que tem como resultado imediato a exclusão dos leigos do apostolado, porque o Padre se faz insubstituível em tudo.

Apontando as graves consequências que ao longo da história resultaram do facto da exclusão dos leigos do apostolado, afirmou ser da máxima necessidade depor de vez o prurido do monopólio no apostolado da Igreja, pois a autoridade do clero há-de vir-lhe da elevação de qualidades naturais e sobrenaturais, da sua nobreza de conduta deixando aos leigos a actividade que a sua *competência* reclama. Necessário se torna sobretudo hoje o apostolado dos leigos, dada a grande falta de sacerdotes e as exigências instantes dos tempos modernos; ignorá-lo seria erro de táctica, pois é este o ensinamento dos Papas.

Para lançar os leigos na acção deve o padre empregar como método e arma, a bondade, a santidade, a humildade e a prudência; deve uni-los bem à hierarquia, cujas disposições acatem, uni-los a Cristo de cuja graça participem, uni-los entre si pelo pensamento e acção segundo a orientação da disciplina eclesiástica.

O próprio Cristo deu missão não só aos apóstolos mas aos discípulos e aos que O acompanhavam; não sendo necessário metê-los a todos na Acção Católica é no entanto precioso formá-los, prepará-los em santidade, saber e virtude, para lançá-los afoitamente nas sendas do Apostolado, tal foi a conclusão que mais se nos impos da exposição de Monsenhor Avelino Gonçalves.

---

(1) Resta-me acrescentar que ficou assente por unanimidade imprimir-se uma ficha-modelo que fosse adoptada por todos os párocos nos seus ficheiros e arquivos, para facilitar o movimento paroquial e inter-paroquial.

Coube em seguida ao Senhor P. José Teodoro expor e ilustrar qual a «*Maneira prática de obter este grande objectivo*» da colaboração dos leigos no apostolado paroquial.

Limitou-se a desenvolver o esquema seguinte:

1) É necessário convencermo-nos, convencer os leigos e pô-los a colaborar na vida litúrgica, nas obras de piedade, na Acção Católica.

1) *Convencermo-nos* — O padre não pode fazer tudo, tem que limitar-se a ser tão sòmente o orientador, o fomentador e o animador; necessita da colaboração de todos os leigos a quem assiste o direito e o dever de trabalharem na Igreja de que são membros. Têm um papel activo a desempenhar, uma missão a cumprir, uma finalidade a atingir com ou sem o auxílio do padre. É para eles uma grande alegria o saberem-se responsáveis e sentirem sobre os seus ombros responsabilidades transcendentes e eternas; porém isto só é possível desde que

2) *os convençamos*, pela doutrina oportuna e importunamente prègada, aproveitando para isso todos os meios, o púlpito, o altar, reuniões da Acção Católica, catequese, etc.; em concreto

3) *pondo-os a colaborar* nas acções colectivas: a) *na vida litúrgica* — na Missa a que eles chamem «nossa», missa vivida e dialogada com ou sem ofertório vivido, levando os leigos assim a uma maior e mais perfeita participação nas orações e no culto divino; quer pela «dezena paroquial», quer ao administrar os sacramentos, levá-los em tudo e por todos os meios a rezar pela paróquia e a interessarem-se pelos seus problemas; b) *nas obras de piedade* — são os terceiros franciscanos, é o Apostolado da Oração, são as Conferências de S. Vicente de Paulo, as irmandades e confrarias e tantas outras organizações onde o povo se sentiria mais unido, mais interessado, numa palavra onde os leigos tomariam consciência da parte que lhes toca na conquista da paróquia para Cristo; c) Finalmente lançando-os nos quadros da *Acção Católica*; como esta lançaria raízes e produziria abundantes frutos se se soubesse canalizar a actividade dos leigos no movimento paroquial pela acção de muitos ao serviço de todos, pela conquista da família paroquial para Cristo, pela extensão do reino de Deus na Paróquia.

«*Conceito, necessidade e obrigatoriedade da Acção Católica*», foi o tema que o Senhor Dr. António Rodrigues se propôs tratar.

Tomando por base a definição que de Acção Católica deu o Papa Pio XI: «*participação do laicado no apostolado hierárquico da Igreja*» o conferente dividindo o seu trabalho em duas partes, passou a analisar a definição.

Laicado — porque movimento de leigos estando portanto excluídos deste movimento os leigos religiosos e o clero; movimento de leigos organizados e não pessoal, porque o apostolado exige organização; e ainda de leigos considerados socialmente, tìpicamente dirigidos e comunitários.

Participação — não enquanto cessaria a distinção entre pastores e ovelhas, entre clero e leigos, mas enquanto se refere ao domínio da realização, enquanto auxiliam a actividade apostólica; é participação enquanto colaboração e cooperação no labor e no trabalho; os leigos auxiliam a hierarquia na acção de conquista.

No apostolado hierárquico da Igreja — Feitas algumas considerações sobre a divisão da hierarquia em hierarquia de ordem e de jurisdição, de que os leigos não participam senão indirectamente na última, o orador passa a considerar a Acção Católica unida no plano nacional e paroquial, dizendo ser da sua essência a *pontificialidade* e *episcopalidade* não porém a *paroquialidade* que tão sòmente pertence à integridade da Acção Católica.

A orientação para a Acção Católica vem directamente da hierarquia, trabalhando não só debaixo do mando mas e sobretudo sob o mandato, do Papa em todo o mundo, dos Bispos dum país na nação, do Prelado na sua diocese; na paróquia recebe do pároco o mandato enquanto direcção normativa, a execução é com os leigos.

A Acção Católica é assim um instrumento nas mãos dos Párocos que a maneja para qualquer missão, é um prolongamento da hierarquia e uma só em todo o mundo — *no plano internacional*, digamos — como é a Igreja. É no plano laico o último termo da organização da Igreja ao lado do plano hierárquico.

A sintetizar o exposto, foi citada a definição que Monsenhor Vizcarra deu de Acção Católica: «participação colaborativa orgânica dos leigos nas actividades executivas do apostolado hierárquico da Igreja com mandato coordenado e subordinado directamente aos pastores próprios dos fiéis».

A obrigatoriedade da Acção Católica, disse encontrar-se bem expressa, nos documentos emanados da Santa Sé e fez em seguida um breve resumo de textos e encíclicas das quais salientou a «Ubi arcano» de Pio XI.

O problema da «*preparação dos leigos, organização e funcionamento das secções da Acção Católica*» foi versado pelo Senhor P. Arnaldo Duarte.

Afirmou de início que a Acção Católica — *é o esforço organizado de muitos para o triunfo prático duma ideia.* Ideia essa — o Evangelho — que deve ser o fermento a levedar a massa e a expandir o reino de Deus. Daqui a necessidade de conhecer bem a Acção Católica e os meios que utiliza, o mesmo é dizer, a necessidade de o padre estar preparado para poder meter a Igreja dentro de muita gente e não muita gente dentro da Igreja. Deve ser um triunfo prático e por isso é necessário que o seja mais que externa, internamente. Urge a preparação dos leigos mas sobretudo a dos padres; preparação simultânea «fabricando fit faber», daí escolher elementos, descobri-los e lançá-los na acção. É árdua a tarefa, o recrutamento dos primeiros elementos, mas a Acção Católica só o é quando difícil e com-

batida por tudo e por todos, o resto é «accionismo» mas nunca a organização coordenada de todo o esforço e vitalidade cristã ao serviço da hierarquia.

Toda a parte técnica de organizar secções, especializações, etc., tem a sua base nos estatutos, bastando para tanto lê-los com atenção. A terminar trouxe algumas dificuldades e fracassos da experiência própria apontando a melhor maneira de os vencer e resolver.

O desenvolvimento do tema: «*Integração da Acção Católica na vida Paroquial*» esteve a cargo de Monsenhor Domingos da Apresentação Fernandes, cuja experiência de 17 anos de apostolado paroquial lhe serviu de poderoso argumento em que apoiou o seu trabalho.

Em virtude de a sua exposição se encontrar já publicada na «Lumen» de Março de 1950 a páginas 181 e seguintes, limitar-me-ei a transcrever algumas afirmações e conceitos que mais impressionaram.

Afirmou Monsenhor Domingos que «não há nada mais perigoso do que a ignorância e incompreensão entre a Acção Católica e os Sacerdotes pois aquela será o que forem os seus assistentes». Citando o Cardeal Saliège disse que «muitas coisas hão-de passar, muitos quadros de pensamento se hão-de quebrar, mas a Acção Católica ficará. Ela é fermento de cristianismo puro. A Acção Católica toma os leigos naquilo que o seu carácter de leigos oferece de plenamente original, como diz Mons. Garonne, designa-lhes o seu lugar na Igreja e reconhece a sua maioridade apostólica. Os leigos têm uma missão a desempenhar no mundo temporal. Os Sacerdotes devem respeitar esta vocação; deles esperam os leigos aquele testemunho de uma vida toda dada a Deus e o apoio espiritual que animará e guiará o seu apostolado de leigos no meio do mundo.

Tanto a paróquia como a Acção Católica necessitam de encarar a sério o problema das suas relações, numa compreensão perfeita e numa colaboração apaixonada, próprias de quem ama sinceramente a Igreja e luta pela extensão do reino de Deus neste mundo já fundamente trabalhado pelo neo-paganismo. Em muitas paróquias verifica-se existir não uma colaboração profunda e verdadeira mas apenas um certo arranjo feito de concessões mútuas. É uma espécie de concordata sem condições, quer dizer, uma separação amigável... Tolera-se a Acção Católica mas confessa-se não trazer consigo nada de novo. A inadaptação da Acção Católica à Paróquia, por um lado, a resistência da Paróquia à Acção Católica, por outro, são fenómenos vulgares em muitas regiões do País.

Em seguida o orador analisou a noção exacta de Paróquia e a sua organização bem como a de Acção Católica e seus métodos, vindo a concluir que nos encontramos diante do inadiável problema da evangelização do mundo contemporâneo. No momento em que a Paróquia acordar para a sua vocação, ela compreenderá e sentir-se-á identificada com a Acção Católica. A Acção Católica é a Paróquia em marcha para as primeiras linhas. A Acção Católica tem primeiro que

tudo que encarar o quadro hierárquico da Paróquia e da Diocese como base normal de cooperação com a Hierarquia.

Enfim que o bom espírito de caridade sólida e nunca desmentida, una todos os membros da comunidade paroquial, missionária e apostólica, para as grandes empresas da evangelização do nosso querido Portugal.

Monsenhor Domingos da Apresentação Fernandes citando Tristão de Atayde termina desenhando a marcha triunfal da Acção Católica no mundo de hoje, seguindo na esteira dos discípulos do Mestre, sempre mais purificada, mais santa, mais *Católica*.

«O SACRAMENTO DO BAPTISMO»

P. Luís Aparício

Começou por apresentar o seguinte esquema, esqueleto do trabalho que ia desenvolver: — Baptismo:

a) Verificação.
b) Remédios: α) conhecer; β) divulgar; γ) disciplinar e δ) Viver.
c) Experiência.
d) Questionário:

1) Qual o conhecimento que os nossos cristãos têm sobre o Baptismo?
2) Devemos recusar o Baptismo às crianças cujos pais não garantam a sua formação?
3) Qual o mínimo de conhecimentos e nível de conduta moral a exigir aos padrinhos?
4) Em que idade seria melhor a profissão de fé?
5) Quanto tempo deve demorar o catecumenato?
6) Deve exigir-se o mesmo rigor com os noivos catecúmenos?
7) Como instruir melhor os fiéis àcerca do Baptismo?

O orador lançou mão, no desenvolvimento do seu trabalho, dos dados da Teologia Dogmática, Moral e legislação do Direito Canónico, para focar os principais aspectos pastorais da administração do Baptismo.

Mostrando a ignorância e falta de interesse de tantos que assistem à cerimónia do Baptismo, por vezes até a falta de decoro que se nota da parte dos padrinhos e demais assistentes, o Senhor P. Aparício, indicando os remédios para tão grande mal, vincou a necessidade de tornar o Sacramento conhecido e vivido — explicar aos fiéis o profundo simbolismo dos ritos e dos elementos vários que entram na sua administração. Para inculcar bem no espírito dos cristãos a importância do Baptismo disse ser de grande vontagem a máxima limpeza do Baptistério e até ornamentá-lo nos dias de maior solenidade da Paróquia.

Falou das responsabilidades dos padrinhos e da selecção a que eles devem estar sujeitos, preferindo os melhor preparados e mais cheios de virtude aos mais ricos e abastados em riquezas terrenas.

Quase a terminar expos com muita precisão o que é necessário exigir, em consciência, aos adultos que querem receber o Baptismo, lembrando de passagem a rigorosa disciplina do catecumenato das primeiras idades cristãs.

O inquérito que no esquema apresentava, foi em seguida discutido expressando-se o voto por que à administração do Baptismo deixe de estar anexa qualquer taxa paroquial ou diocesana.

SANTA UNÇÃO — SACRAMENTO DOS DOENTES

P. Adelino Narciso

Devido à escassez de tempo o orador viu-se forçado a apresentar em resumo apenas o trabalho que se augurava interessar os assistentes.

Começou por afirmar ser este um delicado problema de pastoral, dada a relutância com que este Sacramento é aceite mesmo entre os melhores cristãos. Disse ser este estado ou mentalidade devido a preconceitos de que o Sacramento anda rodeado apontando como melhor remédio — prègar a verdade pois com ela se desfazem os erros. Essa prègação, insistiu o orador, tem que assentar sobre a base dogmática o que implicará sem dúvida um mudar de perspectiva pois a Santa-Unção é Sacramento de doentes e não apenas de moribundos, ajuda a vencer a doença e não só a bem morrer; deve pois administrar-se aos que adoecem gravemente para que, querendo Deus, o Sacramento produza todos os seus efeitos um dos quais é a cura e o restabelecimento. Neste sentido aduziu para corroborar a sua afirmação o testemunho do Concílio de Trento que preceitua se pregue não só a necessidade mas também os efeitos mesmo corporais deste Sacramento.

Para levarmos os fiéis a receberem no devido tempo a Santa-Unção, formulou o voto, dadas as dificuldades de incompreensão do latim, de que se peça para o Patriarcado de Lisboa, a exemplo de outras dioceses do mundo, o ritual bilingue; porém enquanto não chega, insinuou o orador, procurem divulgar-se em edições acessíveis o texto e ritual da Santa-Unção, aproveitando da própria oportunidade da administração para catequizar os fiéis.

A terminar lembrou a vantagem de usar o nome de Santa-Unção em vez de Extrema-Unção e de procurarem os Rev. Párocos seguir a ordem tradicional de Confissão, Santa-Unção, Comunhão e Indulgências.

A seguir discutiu-se a tese sendo esta última sessão encerrada pelo Senhor Bispo de Priene que teve palavras de agradecimento, congratulando-se pelo óptimo trabalho realizado. Terminou com estas palavras: «Muito se fez e ao chegar ao termo sai-nos da alma o agradecimento a Deus pelo que permitiu se fizesse: *Deo gratias*».

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

A sessão de encerramento presidiu Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca O Secretário da Comissão Organizadora leu as conclusões e votos desta Primeira Semana de Estudos Paroquiais, que transcrevemos na íntegra:

Reunidos na 1.ª Semana de Estudos Paroquiais, os Párocos do Patriarcado de Lisboa, representando os diferentes meios sociais que o constituem, tendo tomado conhecimento dos esclarecedores resultados do inquérito sumário feito à situação religiosa do Patriarcado, ouvidas diferentes exposições feitas por alguns membros do clero paroquial e assistentes nacionais da Acção Católica sobre os problemas postos à Paróquia pelas condições da vida moderna; depois de debatidos os diferentes assuntos em sessões especializadas e plenárias, acordaram nas seguintes conclusões e votos:

1.ª) Reconhecendo-se impossível uma boa orientação do apostolado paroquial, sem prévio e especializado conhecimento da autêntica situação religiosa da paróquia, causas de descristianização e impedimentos à acção paroquial, resolveu iniciar onde não existe ainda e aperfeiçoar onde já se realizou, um vasto inquérito paroquial. Para garantir o bom êxito deste esforço, pede à Comissão Organizadora da 1.ª Semana de Estudos Paroquiais, se mantenha em funcionamento e facilite a todos os Párocos os meios práticos de inquérito, estudo e conhecimento das paróquias e os assista no trabalho a empreender.

2.ª) Reconhecendo que a recristianização dos 80 % de indiferentes e pagãos, dadas as especiais condições do nosso tempo, se torna impossível só pela acção sacerdotal, têm como necessidade imperiosa e urgentíssima dar à paróquia plena consciência da sua vocação apostólica e pôr em movimento para a reconquista cristã, todas as energias paroquiais. Para isso julgam indispensável dar aos cristãos uma educação católica mais cuidadosa no sentido de os formar nas suas responsabilidades apostólicas.

3.ª) Reconhecendo que uma boa parte do apostolado e das tarefas paroquiais pode e deve ser exercido pelos leigos, resolvem chamá-los progressivamente e segundo as condições e exigências de cada meio, a compartilhar, na medida das suas possibilidades, nos encargos da vocação apostólica da paróquia.

4.ª) Reconhecendo porém que a Paróquia como tal, com as suas limitações territoriais e a sua função específica, não pode por ela só resolver os inúmeros problemas que a vida moderna criou à evangelização cristã, nem tão pouco neutralizar os múltiplos meios de descristianização existentes na própria orgânica da sociedade, resolveram dar o melhor do seu esforço à formação dos leigos para a Acção Católica, assistir convenientemente às secções paroquiais, dar-lhes o sentido da vocação paroquial e supra-paroquial da Acção Católica e secundar devidamente os esforços do Venerando Episcopado para uma forte organização e expansão da Acção Católica Portuguesa.

5.ª) Reconhecendo, no entanto, que a maioria da população paroquial, cerca de 60 % em média, ainda procura a Igreja pelo menos nos acontecimentos principais da sua vida e por isso não perdeu de todo o contacto com Ela, resolvem:

a) Utilizar os actos do Baptismo, da Profissão de fé, do Matrimónio e mesmo dos funerais, para prègar o Evangelho;

b) Restituir à administração dos Sacramentos todo o seu sentido catequístico;

c) Pedir a colaboração dos cristãos para dar a maior solenidade e sentido das responsabilidades a estes actos sacramentais ou litúrgicos:

d) Dar mais rigorosa execução ao can. 752 sobre o Baptismo dos adultos;

e) Fazer o voto por que à administração do Baptismo deixe o mais brevemente possível de estar ligada qualquer taxa paroquial ou diocesana;

f) Fazer igualmente o voto por que se concerte tanto quanto possível a atitude dos párocos no sentido de ir criando na consciência dos cristãos a seriedade e a responsabilidade do nome cristão.

6.ª) Verificando que grande parte dos baptizados, por mero respeito humano ou por ignorância, morrem sem Confissão, Santa-Unção e Sagrado Viático, resolvem:

a) Fazer uma vasta catequização sobre tão salutares Sacramentos;

b) Usar de preferência o nome de Santa-Unção em vez de Extrema-Unção, e Sagrado Viático em vez de últimos Sacramentos;

c) Responsabilizar a paróquia pelo cuidado e visita dos doentes;

d) Aproveitar a administração do Sacramento da Santa-Unção para a catequização dos adultos.

7.ª) Reconhecendo a enorme vantagem catequística do Ritual bilingue, utilizado já em vários países, faz o voto por que em breve o seu uso seja autorizado também no Patriarcado de Lisboa.

8.ª) Reconhecendo a necessidade de restituir à Paróquia o sentido comunitário que tem, resolveu insistir na prègação do Mandamento do Senhor: «amai-vos uns aos outros» e tirar deste Mandamento todas as suas consequências sociais, promovendo por isso, que a Paróquia no seu conjunto, instale, sustente e desenvolva toda a espécie de obras assistenciais e de solidariedade humana.

9.ª) Reconhecendo as enormes vantagens destes estudos faz o voto por que no próximo ano se realize nova Semana de Estudos e que dada a sua capital importância, verse sobretudo, sobre o Santo Sacrifício da Missa.

10.ª) Finalmente, reconhecendo que toda a actividade apostólica só poderá ser eficaz em perfeita união com a Igreja e em obediência aos legítimos Pastores que o Espírito Santo pôs a rege-lA, depois de afirmar a Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca o seu respeito e incondicional submissão, resolvem saudar o Santo Padre Pio XII, afirmar-lhe a maior atenção e fidelidade às suas instruções e directrizes e pedir-lhe a Bênção Apostólica para a enorme tarefa de recristianização em que prometem empenhar-se de cada vez mais, sem limites de doacção, pela salvação dos seus irmãos em Jesus Cristo Nosso Senhor.

* * *

Foram lidos em seguida os textos dos telegramas enviados a Sua Santidade e a Sua Excelência o Senhor Núncio Apostólico.

Estrondosa e longa salva de palmas reboou pela sala, como aprovação unânime de tudo o que se dissera e as conclusões sintetizaram.

Em nome dos Padres presentes, o Senhor P. José Teodoro agradeceu a Sua Eminência o acolhimento e bondade que dispensara à iniciativa hoje realidade. E agradeceu também à Comissão Organizadora a maneira ordenada e certa com que levou a bom termo a realização da Semana de Estudos.

Em seguida o Senhor Dr. Abel Varzim, como Presidente da Comissão, agradeceu a Sua Eminência a paternal solicitude e orientação que deu à iniciativa da realização dos estudos paroquiais. E agradeceu por último aos Rev. Sacerdotes o interesse, acolhimento e entusiasmo que deram aos trabalhos quer interessando-se pelos problemas, quer colaborando neles directa e imediatamente como relatores.

Por fim levantou-se Sua Eminência para encerrar a Sessão e pôr termo à Semana de Estudos, e pronunciou as palavras seguintes:

«Está encerrada a 1.ª Semana; encerrada quanto aos trabalhos realizados, mas aberta quanto aos trabalhos que vão seguir-se — a Comissão permanece, por isso a palavra própria seria antes: interrompeu-se a 1.ª Semana.

Duas palavras queria dizer: a primeira para a Comissão, a segunda para vós, Padres. À Comissão que promoveu e realizou com tão brilhante êxito esta Primeira Semana e entre os membros dela, eles próprios o desejam e é minha vontade fazê-lo, destaco o nome do seu Presidente Dr. Abel Varzim, os meus agradecimentos e felicitações. Felicitações e agradecimentos também a vós Padres que com dificuldades e sacrifícios viestes tomar parte nesta Semana de Estudos.

A primeira palavra que ouvi ao chegar hoje ao Seminário, foi esta: «tudo correu muito bem, melhor do que eu supunha» e isto foi dito por alguns de vós. Já antes de vir, lá de longe tenho seguido atentamente e exultantemente o decorrer dos trabalhos e acabo de receber a confirmação de que tudo correu bem. Eu já o esperava; conheço os meus Padres e tinha antecipadamente a certeza de que seria assim.

Confesso-vos que exultei, vaidoso de vós, ao ouvir há pouco os vossos votos, alguns deles mais generosos que prudentes. Alegra-me o vosso desinteresse.

Interrompem-se por algum tempo os trabalhos para se retomarem quando for possível com a mesma dedicação, entusiasmo crescente e a experiência do trabalho já realizado.

Está, pois, se quereis a palavra, encerrada a Primeira Semana».

* * *

Com a realização da Primeira Semana de Estudos Paroquiais, está iniciada, cremos em Deus, uma longa série de reuniões, de que muito havemos de beneficiar.

CARLOS MANUEL CASTELÃO GONÇALVES

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS

E

TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

Casa fundada em 1866

SOUSA TAVARES, L.DA

220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

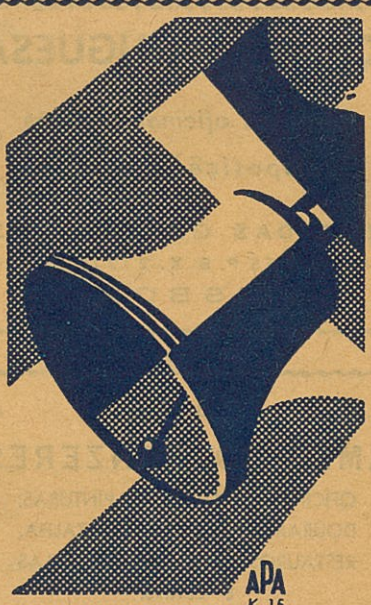
Pratas de arte, jóias, bronzes artísticos, pratarias para o Culto

realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.

Fornecem-se orçamentos
Preços módicos
OURIVESARIA ALIANÇA
Celestino da Motta Mesquita
Proprietário

Sede:
Rua das Flores, 191 a 211
PÔRTO

Filial:
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA



NÃO SE ALARME

COM O INSUCESSO, NEM COM A COMPLICAÇÃO DA TÉCNICA FOTOGRÁFICA A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO SEU GÉNERO EM TODO O MUNDO TEM ESTUDADO E RESOLVIDO OS MAIS COMPLEXOS PROBLEMAS PARA OS PÔR FÁCILMENTE AO SEU ALCANCE
CONSULTE

Kodak
KODAK LTD - RUA GARRETT

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

Rua da Vitória, 82 a 88 — **Rua do Ouro, 166 a 170**

Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha — Lustres — Lâmpadas — Lanternas — Placas — Castiçais

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS	AQUECIMENTO CENTRAL	ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO	VENTILAÇÃO	CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS	ASCENSORES	TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

CASA PORTUGUESA

Grandes oficinas gráficas

Composição mecânica

RUA DAS GÁVEAS, 103

TELEFONES P. B. X. 21271-27817

LISBOA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços-Exclusivos
Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS A PRAZOS

COVILHÃ

CASA AMÉRICO FÂNZERES

OFICINAS DE IMAGENS, PINTURAS, DOURAMENTOS E OBRAS DE TALHA. RESTAUROS. PINTURAS DE TELAS E CETINS.

Largo de S. João do Souto — BRAGA

TELEFONE 2704

MÁRMORES E CANTARIAS

Pardal Monteiro, Limitada

(Casa fundada em 1888)

Sede e instalações industriais:

PERO PINHEIRO

EM LISBOA:

Estrada de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)

Telefones: P. P. 18 e 74307

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

Benfeitores

Ex.ma Senhora Condessa de Margaride

Assinaturas pagas directamente

Rev.mo Senhor Prior de Campolide

Ex.ma Senhora D. Josefina Fróis

Ex.ma Senhora D. Maria Amália Daun e Lorena (Pombal)

Ex.ma Senhora D. Maria Beatriz C. Trigo

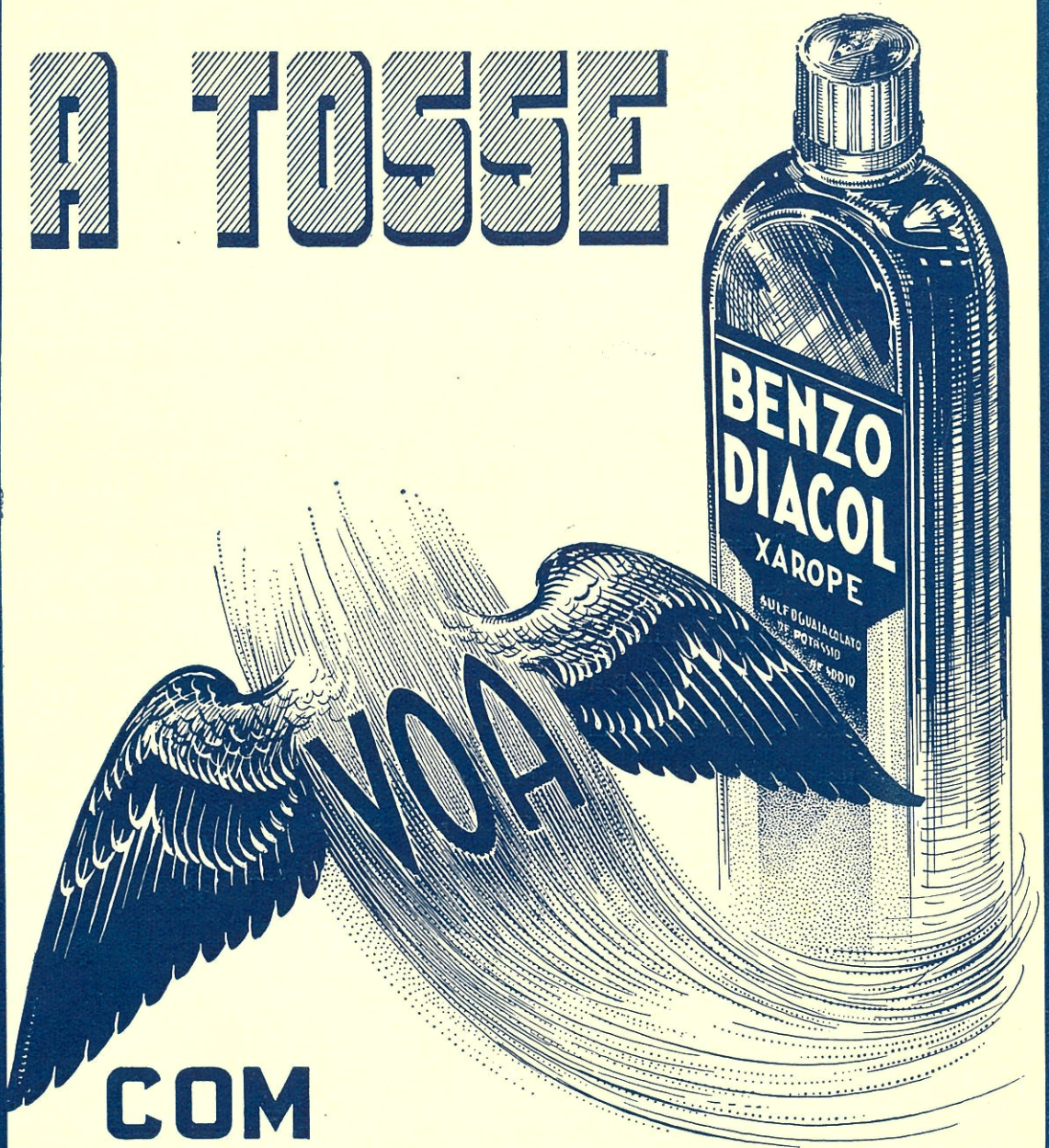
Rev.mo Senhor P.e Manuel da Silva

Rev.mo Senhor P.e José de Castro Paradela

Ex.ma Senhora D. Maria da Graça Van-Zeller

Ex.ma Senhora D. Maria da Conceição V. G. de Borja e Menezes

A TOSSE



COM

BENZO-DIACOL